

NARRATIVAS ALAGOANAS EM FOCO: OFICINAS DE LEITURA/ANÁLISE LITERÁRIA DAS OBRAS *O ANJO*, DE JORGE DE LIMA, *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS, *NINHO DE COBRAS*, DE LÊDO IVO, *DUNAS*, DE BRENO ACCIOLY E *LÃS AO VENTO*, DE ARRIETE VILELA, SOB O OLHAR DOS ESTUDOS DA LITERATURA E SOCIEDADE - RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PRIMEIRA ETAPA DA ATIVIDADE¹

Jairo José Campos da COSTA²

RESUMO

O presente trabalho liga-se à linha de pesquisa chamada, no âmbito da crítica literária, Literatura e Sociedade e objetiva divulgar a primeira etapa de uma experiência com iniciação científica junto ao Núcleo de Pesquisa em Literatura-NUPEL/Campus V/ UNEAL. A idéia é começar a criar o gosto pela leitura/interpretação de ficção no aluno de Letras, porque ele tem chegado à universidade, quase sempre, sem ter lido um clássico literário. Dessa forma, gostaríamos de proporcionar o prazer de ler/interpretar, através de oficinas coletivas, textos estratégicos de autoria alagoana para que, a partir das obras, esse acadêmico possa perceber a sua identidade histórico-cultural, há tanto tempo demonstrada ficcionalmente pelos grandes nomes de nossa literatura. Longe de nós, a idéia de regionalizar os romances, isso porque entendemos que a noção de regional há muito vem sendo discutida na crítica e na história literária. Entendemos que os estudos da Literatura e Sociedade fornecem aparato teórico necessário para uma compreensão das obras lidas, uma vez que todas elas, de uma forma clara ou sutil, trazem à tona, dentro das estruturas internas criadas, as relações de desigualdades sociais de Alagoas, momento em que quase todas propõem uma discussão a respeito da história de miséria que esse Estado teve ao longo desses anos. Os encontros de oficinas e de orientação científica acontecem semanalmente. Basicamente, o trabalho é feito a partir das oficinas de leitura/interpretação, produção de fichamentos, discussões, produção e publicação de textos de análise. Este texto embasa-se teoricamente em: CANDIDO, (2006); CAVALCANTE, (2005); ROCCO, (1992) e SANTOS & OLIVEIRA, (2001).

PALAVRAS-CHAVES

Oficinas de leitura literária; narrativas; literatura e sociedade; identidade sócio-histórico-cultural alagoana.

INTRODUÇÃO

¹ Este texto foi escrito em co-autoria com meus orientandos de Iniciação Científica **Gileno Alves de Lima, Jaciane Nogueira Cavalcante, Jaiane Silva de Lima, Misleidy da Silva Medeiros e Rosinaldo Rodrigues Costa**, bolsistas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL.

² Professor Assistente de Literatura e Teoria da Literatura do Departamento de Letras do Campus V – União dos Palmares da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. **Endereço para correspondência:** Rua Comendador Luiz Jardim, 27, Bloco I, Apartamento 202, Gruta de Lourdes – CEP 57052-760 - Maceió-Alagoas - Brasil. **Endereço eletrônico:** jairo.potiguar@hotmail.com

Há muito se discute, em qualquer esfera do saber, a formação do hábito de leitura do estudante brasileiro. Muitos estudos, no âmbito da academia ou fora dela, já tentaram promover esse debate visando à mudança desse legado complexo, que o modo de viver brasileiro, com raras exceções, tem encarregado de multiplicar em quase todas as regiões desse imenso país. O reflexo dessa postura chega à universidade na medida em que encontramos, muitas vezes, alunos recém-chegados ao curso de Letras que não leram nenhum clássico de nossa tradição.

O presente texto intenta trazer essa discussão mais uma vez à tona, mais no âmbito do distanciamento da histórica lamúria em torno da dificuldade de formação do leitor brasileiro, com que a sociedade tem se apegado, quase sempre querendo justificar a nossa história de atraso, ao tempo em que se aproxima da discussão em torno do que a universidade pode fazer, do ponto de vista da criação de ações concretas de disseminação cultural e cultivo da leitura, com vista à formação de um leitor proficiente dentro da universidade.

O presente texto se divide em alguns momentos distintos que se integram entre si. No primeiro, intitulado **o prazer de ler ficção** faremos um rápido passeio em torno de questões que envolvem a relação literatura e ensino, bem como o nível de leitura que o estudante traz do ensino médio ao chegar à universidade. No segundo momento denominado **relato parcial de experiência das oficinas de leitura literária**, tentaremos detalhar, passo a passo, o desenvolvimento das atividades de iniciação científica até o presente momento. Na terceira parte chamada de **fábula de *O Anjo*, de Jorge de Lima** apresentaremos a trama do 1º. romance lido da série de cinco romances. No quarto e último momento denominado **a reflexão social em *O Anjo*, a partir da categoria espaço**

discutiremos, a partir dos estudos da Literatura e Sociedade, elementos que compõem a representação social do citado romance.

Neste sentido, acreditamos que ainda há muito a ser feito, todavia a experiência que será relatada nas entrelinhas deste texto, talvez possa servir de sugestão àqueles professores que querem sair do plano da lamentação e, enfim, consolidar uma alternativa estratégica de leitura literária dentro da universidade.

Salientamos que, como o projeto teve início no semestre 2008.1 e se estenderá até o final do semestre 2009.1, o nosso relato de experiência que estará na segunda parte do presente texto, se limitará a relatar as atividades desenvolvidas até o momento. O resultado subsequente será apresentado em outro(s) evento(s) acadêmico-científico(s).

O PRAZER DE LER FICÇÃO

No geral, o brasileiro tem se distanciado e muito do hábito de ler por todos os motivos que já se sabe: inexistência de políticas públicas no tocante à leitura, falta de bibliotecas públicas nos municípios e nas escolas, culturalmente falando, as famílias brasileiras não têm essa vivência, uma boa parte dos professores de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira também não são leitores, enfim, tudo conspira para o distanciamento do brasileiro em relação à leitura. No dizer de CANDIDO, sintetizando a nossa idéia, ao prefaciar o livro *Literatura/Ensino: uma problemática*, de Maria Thereza Fraga Rocco, destaca: “Parece, então, que a literatura não tem mais o lugar privilegiado de antes; e nem está sendo nem talvez possa ser ensinada com eficiência formadora”. (p.xii)

Toda essa problemática resulta no que somos hoje, um país subdesenvolvido, atrasado, com estarrecedores índices de analfabetos e com um povo apático e distante de seus principais problemas.

Desta feita, o nosso projeto anunciado no título deste texto intenta mostrar aos alunos do Curso de Letras a maravilha que o universo da leitura pode proporcionar-lhes, a fim de que percebam que há, basicamente, dois caminhos a serem percorridos de agora em diante: ou superarem as dificuldades no tocante à leitura que a escola básica deixou em suas formações, ou serem cotados ao fracasso e reproduzirem a mesma história de milhões de pessoas que, por não viverem essa experiência, imergem no mundo da mediocridade, manipulados por aqueles que detêm essa experiência.

Assim, é para ontem a necessidade de mudança de postura da escola básica brasileira na viabilização de projetos alternativos de leitura para que esse aluno, ao chegar à universidade, não encontre tantos problemas no processo ensino e aprendizagem, como temos visto em alguns anos lecionando Literatura Brasileira no Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. É mister destacar que o aluno possa até adquirir esse hábito com o desenrolar do curso, todavia, se ele já chegasse ao ensino superior com esse hábito formado, o seu nível seria completamente diferente, quatro anos depois, ao ser lançado no mercado de trabalho.

Pensando na minimização dessa problemática, é que foi criado, articulado e posto em execução o projeto de pesquisa que ora socializamos, com o propósito, menos de interpretar as obras e mais de formar o hábito de ler em oficinas grupais, cujo processo em voz alta, além de exercitar a leitura e a entonação, possibilita que o contato com narrativas facilite o processo de compreensão de obras literárias, na medida em que, sempre que

necessário, as questões são retomadas pelos pares, as dúvidas são esclarecidas e a progressão da leitura melhor acompanhada.

A experiência tem sido extremamente proveitosa já que, a partir de um certo momento, os alunos participantes já se descobrem leitores, sugerindo a leitura de outros textos que desejam ler, criando um ambiente de leitura em casa, escrevendo e falando melhor, destacando-se em sua sala de aula perante os demais universitários que não estão inseridos no projeto de iniciação científica.

RELATO PARCIAL DE EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA

As atividades aqui relatadas compreendem o início da pesquisa a partir do semestre letivo 2008.1 até a produção deste texto. Como sugere o título, aqui será apresentado o relato parcial das atividades, uma vez que estamos dando continuidade ao projeto.

Depois do projeto ter sido submetido à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL e da seleção dos bolsistas ter sido realizada, começamos essa atividade de pesquisa no âmbito acadêmico do Curso de Letras do Campus V – União dos Palmares, local de nascimento do considerado príncipe dos escritores alagoanos e um dos maiores escritores da tradição literária brasileira. Referimo-nos ao escritor Jorge de Lima, que pela cronologia de publicação da obra *O Anjo*, foi escolhido como o primeiro romance a ser lido da série de cinco romances propostos à leitura/interpretação, à luz dos estudos de Literatura e Sociedade.

Antes de qualquer coisa, no primeiro encontro, foi lido e discutido todo o projeto a fim de situar os pesquisadores de Iniciação Científica, bolsistas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL, com o que iria ser feito ao longo dos três semestres em que a atividade iria acontecer.

No encontro seguinte, como constava em nosso plano de trabalho, começamos a leitura de alguns textos considerados por nós fundamentais acerca da chamada crítica sociológica, pois foi essa a vertente da crítica literária que compreendemos ser a melhor solicitada pelas próprias obras para a compreensão por parte dos leitores. Mereceu destaque o clássico livro de Antonio Candido, *Literatura e Sociedade*, reflexão importante acerca da relação literatura e sociedade, sobretudo nos capítulos Crítica e Sociologia e Literatura e a Vida Social, quando o autor, no primeiro, faz uma amostragem dos estudos marxistas e, no segundo, tenta relacionar a literatura com a vida social.

Concordando e fazendo nossas as palavras do (CANDIDO, 2007, pág. 49), queremos crer que “[...] o estudo sociológico da arte, aflorado aqui sobretudo através da literatura, se não explica a essência do fenômeno artístico, ajuda a compreender a formação e o destino das obras; e, neste sentido, a própria criação”.

Assim sendo, a partir do excerto acima, observa-se uma espécie de síntese da relação entre o tripé **artista – público – obra** que, segundo o crítico, são elementos apesar de aparentemente separados, terminam se relacionando entre si, na medida em que não há como perceber o distanciamento entre eles.

Ainda retomando a citação de CANDIDO, enquadramo-nos no primeiro enfoque do posicionamento do crítico por acreditarmos que o estudo sociológico da arte pode explicar o fenômeno artístico literário, sem falar, ainda, que esse tipo de corrente ajuda, também, no

processo de compreensão acerca das condições sociais de produção, a operacionalização da obra de arte, bem como o seu destino.

Observa-se, no mínimo, uma modéstia do autor ao jogar com as possibilidades que os estudos sociológicos da arte podem proporcionar àquelas pessoas que, a partir da coerência interna criada pelo texto literário, traz a possibilidade de uma ligação direta: obra X estudos marxistas, como acreditamos ser o caso de todos os romances em discussão, sobremaneira *O Anjo*, de Jorge de Lima.

Concluída essa primeira parte de fundamentação teórica, entramos na segunda, também de fundamentação teórica. Entre outros textos, observamos com afinco, o livro *Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis*: introdução à teoria da literatura, de autoria de Luis Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira.

O propósito deste momento foi o de rever a discussão em torno das categorias da narrativa, quais sejam: espaço, tempo, narrador, enredo e personagem. Salientamos que o livro foi dividido entre os cinco orientandos, cada um fez o fichamento de sua parte e apresentou aos demais em forma de seminário. Alguns com mais facilidade outros com menos, culminamos cada apresentação com a retomada da discussão, objetivando preencher as lacunas que os mesmos deixaram em seus recortes.

Ao final dessa etapa, revemos os principais tipos de narradores, personagens, tempo, espaço e a estrutura do enredo. Fizemos questão de sempre ilustrar as definições apresentadas com exemplos de nossa literatura para que os iniciantes em pesquisa pudessem compreender melhor esses elementos importantíssimos à construção de uma narrativa.

Frisamos a necessidade de sair daquele velho problema da educação básica, no tocante ao ensino de literatura, que é o de ler, quando assim o faz, os textos, com o único

propósito de compreender o enredo. Colocávamos que, o enredo é um importante elemento estruturador de um texto narrativo, mas acreditamos ser insuficiente uma leitura observando somente esse aspecto.

Falávamos que, apesar de compreendermos ser difícil uma narrativa trazer com a mesma tonalidade todos os elementos, isso porque há sempre um ou outro que se sobrepõe aos demais, é justamente essa capacidade que devemos ter, enquanto leitores, de percebermos o que é que salta aos olhos e que podem surgir elementos significativos para a busca de determinados questionamentos, quando estamos perante a uma obra de ficção. Afinal de contas, o chamado leitor proficiente do texto literário que pretendemos formar em nossa pesquisa é aquele, no mínimo, fruto do processo de observação detalhista, que consegue, se não encontrar respostas para os seus questionamentos, ser capaz de se inquietar perante a leitura.

À figura do narrador foi dada, do ponto de vista teórico, uma atenção especial, por todos os motivos que já se sabe sobre o importante papel desempenhado por aquele/a que nos conta a história. Assim sendo, é condição *sine qua non* para nós leitores de narrativas, observarmos o tom, a forma de descrever os lugares e as personagens, a ênfase em determinados enfoques, a forma, efetivamente, usada para narrar. Sobre isso, acreditamos que o posicionamento abaixo de (SANTOS & OLIVEIRA, 2001, pág. 4), ampliam a nossa compreensão:

As teorias que se propõem a refletir sobre o narrador de textos ficcionais fazem uso, com frequência, de um vocabulário que privilegia a visualidade. Não por acaso, as palavras designativas da posição do narrador são: foco, visão, ponto de vista, perspectiva. Com isso, tem-se a impressão de que se deseja destacar justamente um determinado modo de relacionamento com as coisas, a presença de um sujeito capaz de

delimitar e controlar o seu campo perceptivo ao imprimir sua subjetividade na matéria narrada.[...]

Concluída a segunda parte de fundamentação teórica, entramos, enfim, nas oficinas de leitura literária dos romances. A escolha da ordem da leitura dos mesmos se deu obedecendo ao ano de publicação de cada narrativa. Desta maneira, a leitura ficou assim distribuída: *O Anjo*, de Jorge de Lima, publicado em 1934; *Angústia*, de Graciliano Ramos, publicado em 1936; *Dunas*, de Breno Accioly, publicado em 1955; *Ninho de Cobras*, de Lêdo Ivo, publicado em 1973 e, por último, *Lãs ao Vento*, de Arriete Vilela, publicado em 2005.³

Para a leitura d'*O Anjo*, de Jorge de Lima, foram usadas, exatamente, seis horas/aulas, distribuídas em três encontros. Antes do início da leitura, através de uma predição, despertamos a curiosidade em torno das questões que o romance iria suscitar, falávamos que a narrativa era curta, de uma linguagem relativamente simples e com uma seqüência não muito densa. A idéia seria pontuar essas questões iniciais e preparar o terreno para as questões que iriam se desenrolar com o processo de leitura.

Toda a leitura aconteceu lentamente, procurando o significado das palavras desconhecidas pelo contexto e, quando não encontrávamos, recorriamos ao dicionário. À medida que iríamos lendo, anotávamos questões importantes: a constituição dos elementos da narrativa, a representação da identidade cultural alagoana, a crítica social a partir da descrição das condições de vida do povão alagoano que sempre sobreviveu da retirada do sururu das lagoas, a malária que dizimou muitos pescadores.

³ Os anos de publicação dos romances foram extraídos da seguinte referência: CAVALCANTE, Simone. **Literatura em Alagoas**. Maceió : Scortecci/Grafmarques, 2005.

Importante frisar que ficou evidente nas oficinas algumas dificuldades dos acadêmicos: a falta de expressão no momento da leitura, o não respeito aos sinais de pontuação, o esquecimento de palavras, a inclusão de palavras que não constavam no texto, entre outros problemas. Tais dificuldades deixam clara a problemática da educação básica da região, no tocante ao ensino de Língua Portuguesa/Literatura Brasileira que, como vimos em pesquisa recentemente realizada por nós, quase sempre, essas aulas são ministradas a partir do ensino de regras gramaticais desconexas de contextos reais de uso e com a pouca ou inexistente realização de leitura literária. Para reiterar parte do resultado dessa pesquisa, os acadêmicos afirmaram que o gênero romance no Ensino Médio, só foi estudado, na maioria dos casos, a partir da leitura dos resumos.⁴

Concluída a leitura do romance, foi solicitado aos pesquisadores a construção coletiva de um resumo, contendo a fábula/trama do texto. Além de sintetizarem e relembrem as questões abordadas, os orientandos construíram o resumo para inserirmos na parte subsequente.

FÁBULA DE *O ANJO*, DE JORGE DE LIMA

O romance conta a história de Herói, personagem de origem alagoana erradicado no Rio de Janeiro, pintado pelo narrador em terceira pessoa como sendo uma espécie de desajustado que vivia nas ruas, se alcoolizando, sendo esse comportamento desencadeado

⁴ Um melhor detalhamento dos resultados da pesquisa mencionada é encontrado na seguinte referência: COSTA, Jairo José Campos da. O ensino de Literatura Brasileira em escolas públicas de ensino médio dos municípios de União dos Palmares e São José da Laje – Alagoas: olhares dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem. In: Anais do 18º. EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, Maceió - AL : EDUFAL, 2007.

por um fracasso. Tal fato só será melhor compreendido depois, quando o tecido narrativo se alonga e o mesmo retorna à sua terra natal, momento em que o narrador faz a descrição de sua família de forma a sugerir ao leitor a idéia de que o personagem pertencia a uma família privilegiada do ponto de vista econômico.

Herói é um apreciador da arte e possui uma outra lente ao encarar determinados aspectos da vida. Por exemplo, para ele, Deus poderia ser melhor e o inferno abolido. Também poderia acontecer a liberdade absoluta de suicídio e o homem deveria ser o senhor de sua vida, de sua história.

Pelo fato de se sentir diferente dos outros, Herói dá por falta de um anjo da guarda, alguém com quem ele pudesse conversar e ser entendido. Certa vez, a caminho de seu apartamento no Rio de Janeiro, um homem com aparência estranha, cujas características assemelhavam-se a idealização que Herói fazia de um anjo: cabeça grande, desengonçado, e nas costas pareciam ter cotocos de asas. Seu nome, coincidentemente, era Custódio.

A obra, nessa altura dos acontecimentos, focaliza a aventura de Herói e a sua amizade com o Anjo, as conversas entre eles, a idealização que Herói fazia de sua bem amada, entre outros. Herói era pintor, a partir de uma exposição mal sucedida, sua vida começa a desandar, tornou-se bebedor, passou a ser freqüentador de bares e cabarés e acentuou, ainda mais, seu comportamento “tido problemático” para a sua família. O grupo entendeu que a forma rebelde de Herói se comportar era um reflexo, também, de sua discordância com a desigualdade social em seu Estado.

A notícia do seu fracasso chega até sua família em Ilha Grande-Alagoas, deixando-os revoltados e, por este motivo, tomam a decisão de buscá-lo. Mesmo contra a sua vontade, é trazido de volta por seu irmão.

Estando de volta a sua terra, Herói, na companhia do Anjo, ainda continua decaindo, passa a conviver, mais uma vez, com a realidade cruel dos menos favorecidos. Salva a vida de uma jovem que, assim como seus irmãos e muitos outros na ilha, fora vítima da malária, Herói passa a visitá-la com frequência, mas também contrai a doença, o que o leva a passar dias sem vê-la. Ao melhorar, Herói vai ao encontro dela, mas se depara com a cena desagradável, ela estava deitada com outro em seus braços.

Com o consentimento de sua família, Herói retorna com o Anjo ao Rio de Janeiro. Lá, conhece Maga Salomé, uma mulher sedutora e interesseira, leva Herói à ruína total, o afasta do Anjo e o abandona quando ele já não tem mais nada a lhe oferecer.

Herói terminou apenas com sua solidão. No auge de seu desespero, joga-se da janela do 13º. andar de seu apartamento, conseqüentemente, ficou cego e teve que ser mutilado, perdendo os dois braços.

O desfecho do enredo se dá em um quarto de hospital, com Herói ouvindo a leitura de um livro, feita por uma gentil enfermeira, na qual acreditava ser sua bem amada.

A REFLEXÃO SOCIAL EM *O ANJO*, A PARTIR DA CATEGORIA ESPAÇO

O Anjo é um romance único, narrado em terceira pessoa e gira em torno, basicamente, de duas personagens Herói e o Anjo, protagonistas da narrativa. Com o desenrolar do romance, entram em cena outros personagens secundários que vão ajudando na construção do fio narrativo: os membros da família e amigos de herói, a namorada, a enfermeira...

O espaço focalizado é o cenário nordestino e o sudeste do Brasil. Interessante observar que são apresentados os dois espaços desenhados com os seus problemas. No caso do Nordeste é feita uma grande crítica social em torno das condições das pessoas que viviam/**vivem** dentro das lagoas alagoanas tirando o sustento da lama, através da retirada do sururu e aí vem à tona toda a problemática: doenças, exploração de menores através do trabalho infantil, exploração do trabalho adulto. No caso do Sudeste, mais especificamente o Rio de Janeiro, é colocado em discussão o crescimento desordenado, a loucura da cidade grande e a conseqüente dificuldade de viver no espaço da metrópole.

Mereceu destaque a reflexão empreendida na carta que o Anjo escreveu depois que chegou a Alagoas e observou a problemática anteriormente citada, vejamos o fragmento a seguir e observemos o olhar “estrangeiro” do personagem em relação às questões novas que vislumbrou:

[...] Pois bem, como ia dizendo, uns sujeitos montaram uma fábrica de sururu que consiste no seguinte: o povo apanha o molusco e o exporta. O dito povo, com a idéia do ganho, vive dia e noite metido na lagoa apanhando sururu, vendendo por nada. Antigamente só se apanhava o necessário para o sustento, hoje até as crianças vivem metidas na lama contraindo febres e amarelão desde tenra idade. O governador inaugurou um serviço de Saúde e Profilaxia. Dá quinina e timol a povo, porém o povo não tem sapatos, não tem latrinas, não tem casa, o lugar não é saneado, de sorte que o remédio do governador dá em coisa nenhuma. O restante dessa população sururuzeira cai nas fábricas de tecidos aqui perto, por Fernão Velho e Bebedouro. É gente que, por via das moléstias, vive num mundo doente, iluminado por um outro sol, respirando um ar também diverso. O nosso Herói clama então contra a exploração das fábricas e do governo, procura abrir os olhos do pessoal, mostrando a lama social pior do que a lama do sururu em que ele vive atolado; e de repente ele desconfia de si próprio, pensando que a sua fala é simples literatura, tal como fazem muitos intelectuais de hoje, explorando literariamente o “assunto operariado” (grifo nosso) [...] (p. 52-53).

Todo o romance, sobretudo esse momento, deixa claro o fato de Jorge de Lima, em plena década de 30, momento de publicação do romance, já fazer essa crítica social

pertinente, denunciando o processo histórico de exploração e coisificação do homem alagoano. E o pior de tudo, de 1934 pra cá, observando a mesma realidade descrita pelo personagem criado por Jorge de Lima, vemos que o problema não foi solucionado, ao contrário, aumentou. Basta olharmos as favelas que se proliferam às margens das Lagoas Mundaú e Maguaba, o crescente número de crianças trabalhando, a falta de escolas, postos de saúde, entre outros problemas, tudo isso associado à falta de saneamento básico da grande Maceió que, além da poluição do mar, tem seus esgotos poluindo as mesmas lagoas de onde é tirado o sururu que alimenta, praticamente, todo o Estado.

Nesse sentido, é interessante o comentário feito no posfácio da edição lida, feito por Ivo Barbieri, quando afirmou que “O que está sendo posto em causa nessa proposição não é obviamente da dimensão sociológica da ficção e sim um modelo de ficção social, limitador do alcance por ele visado e excludor de outros valores também essenciais.”[...] (p.78)

Observemos o final da citação da carta feita pelo Anjo, destacada em itálico, que a crítica feita extrapola o limite da cena descrita do ponto de vista social e ainda ironiza os intelectuais que só usam a temática como instrumento de produção escrita e não vai muito além disso. Nesse sentido, vê-se o debate crítico do texto, do ponto de vista da produção ou, se assim preferirem, a metalinguagem, tão presente em grande número de textos modernistas, no romance em discussão também.

Enfim, nas páginas de *O Anjo*, Jorge de Lima, intelectual à frente de seu tempo, tendo um grande conhecimento das discrepâncias sócio-econômicas de seu espaço de origem, fruto da concentração de renda nas mãos de poucos que resulta na miséria generalizada de muitos, através da estrutura interna criada a partir da combinação das partes com o todo e do todo com as partes do romance, faz uma profunda reflexão filosófica da existência humana, do estar no mundo, sendo isso de uma forma inteligente, criativa,

surreal e, acima de tudo, sem perder a verossimilhança, mantendo a lógica narrativa em todos os momentos. E o melhor, sem ser panfletário.

SEM QUERER CONCLUIR

Como já deixamos claro em algum lugar deste texto, a reflexão aqui feita é apenas uma espécie de embrião de questões que ainda irão ser amadurecidas com a continuação da pesquisa. Tudo está apenas começando.

Em sendo assim, deixamos claro aos nossos leitores que a idéia foi apenas registrar algumas questões da pesquisa, ainda em fase inicial e, portanto, passíveis de mudanças/ajustes.

Ainda teremos mais um ano com a presente atividade de iniciação, podendo esse prazo ser dilatado, para o fechamento definitivo de nosso projeto. Desta forma, somos sabedores de que muita água ainda passará em baixo da ponte. Sabemos que todas as partes deste texto são possíveis de serem ampliadas, melhoradas e melhor aprofundadas. Nunca fez parte de nossa idéia acreditar que o presente texto encerra a presente discussão, pelo contrário, é a penas um ponto de partida.

Todavia, a essa altura do campeonato, já somos sabedores de que a Literatura Alagoana é digna de atenção acadêmica e de ser lida pelo povo alagoano. Queremos crer que o incentivo deixado nesta atividade de pesquisa será o pontapé inicial à aquisição do hábito de ler/entender romances, começando com autores de Alagoas, para melhor nos projetar na leitura e, nesta medida, não teremos dúvidas, esses alunos-pesquisadores irão

longe, muito longe, na incessante busca do saber, da apreciação estética e do efetivo contato com a arte que, com certeza, ajuda a ver/perceber o mundo com outras lentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro : Ouro sobre Azul, 2006.

COSTA, Jairo José Campos da. O ensino de Literatura Brasileira em escolas públicas de ensino médio dos municípios de União dos Palmares e São José da Laje – Alagoas: olhares dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem. In: Anais do 18º. EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, Maceió - AL : EDUFAL, 2007.

CAVALCANTE, Simone. **Literatura em Alagoas**. Maceió : Scortecci/Grafmarques, 2005.

LIMA, Jorge de. **O Anjo**. 4 ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Literatura/Ensino: uma problemática**. 2 ed. São Paulo : Ática, 1992.

SANTOS, Luís Alberto Brandão & OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis**: introdução à teoria da literatura. São Paulo : Martins Fontes, 2001.

